

• ENUNCIÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Coordenador(a): *Guaraciaba Micheletti*

Este simpósio tem por objetivo focalizar aspectos relacionados à enunciação e à produção de sentidos, sem deixar à margem o discurso e a expressividade, uma vez que, embora estudados por disciplinas específicas, mantêm profundas ligações. São, na verdade, perspectivas complementares de um mesmo objeto. Enunciar corresponde ao ato de expressar-se verbalmente; assim, tout court parece uma definição plenamente satisfatória, embora, a enunciação, do ponto de vista das ciências da linguagem, seja uma noção, por vezes, vaga. De acordo com Benveniste (1974:80), pode ser expressa como "a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização". Ao produto desse ato corresponde um enunciado: uma seqüência lingüística, cujo sentido impresso pelo locutor é recebido pelo alocutário que o reorganiza de acordo com situação individual e social. Ela se manifesta por meio do discurso que instaura um sentido. Sentido esse que decorre não só da articulação entre o pensamento e a matéria fônica, mas também de superestruturas - gêneros discursivos - e de elementos exteriores ao sistema lingüístico. A produção de sentidos ocorre numa relação interativa. No texto escrito e, particularmente, na literatura, duas subjetividades ancoradas em circunstâncias diferentes se encontram. O sentido emanado de um enunciadador, no processo de enunciação, será aprendido por meio de pistas lingüísticas localizadas pelo leitor, mas determinadas pela subjetividade e por ingerências espaço-temporais. A expressividade prende-se a um determinado modo de dizer, à utilização de recursos oferecidos pela língua, perceptíveis nos textos e nos discursos e, que, apesar do problema de uma definição mais precisa do campo dos estudos estilísticos, integram a significação de um texto, ou seja, a possibilidade de atribuir-lhe um sentido, de se interpretá-lo. Desse modo, os componentes deste Simpósio analisarão textos, focando a enunciação e produção de sentidos, bem como perspectivas complementares.

A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DO ENUNCIADOR NUM SONETO DE DANTE MILANO

Luiz Camilo Lafalce (MACKENZIE)

Todo ato de fala, inserindo-se num específico gênero discursivo, ao construir o mundo significante, constrói, também, a figura do enunciador: o ponto de vista subjetivo a partir do qual se ordenam estilisticamente as imagens dos objetos do universo representado. Identificada pelo modo singular de ver e sentir a vida, essa instância enunciativa - o ethos - não se confunde com a figura real do falante: é um caráter e uma corporalidade resultantes de um efeito discursivo. É esse ethos o foco de nossa análise do "Soneto I", de Dante Milano. O estudo contempla a confluência de três diferentes níveis de configuração do enunciado - o plano das imagens, o plano sonoro e o plano da idéia - em sua relação com a instância enunciativa.

Na linguagem poética - espaço privilegiado para a potencialização dos significantes - o eu lírico debreado constrói, alegoricamente, num soneto "monolítico", o mundo representante fechado a qualquer perspectiva redentora. São imagens de um locus horrendus, cujo efeito de sentido se intensifica com as sugestões sensoriais e emotivas desencadeadas pelos sons fechados e nasais, pela sintaxe nominal e pelo ritmo lento e arrastado a que se submete a cadência mecânica dos decassílabos. A esse primeiro quadro descritivo, segue-se um caudaloso período de oito versos que, enlaçados no enjambement, compõem um ritmo contínuo e asfíxiante para a cena trágica em que uma pequena e frágil folha, personificada, é protagonista de uma luta inglória contra o vento furioso.

O efeito de sentido construído pelo quadro alegórico materializa, assim, um ethos marcado pelo sentimento de angústia e opressão. Uma voz que constrói no poema o peso/pesar da trágica condição humana, frente à fatalidade da morte num universo hostil. É o ethos do poeta moderno.

A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NOS POEMAS INFANTO-JUVENIS COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DO GÊNERO POÉTICO

Ana Elvira Luciano Gebara (UNIBERO)

A literatura infanto-juvenil em todas as suas manifestações de gênero se constitui quando uma noção de criança e infância se estabelece como legítima e suficiente para ser identificada como público-leitor. Antes desse período, essa produção estava vinculada a outras formas de expressão dirigidas ao leitor adulto. Junto a essa noção, alinha-se o fato de os livros para crianças, até o século XX, se reduzirem a "simples meio para atingir uma finalidade educativa extrínseca ao texto propriamente dito.", como afirma Palo e Oliveira, em *Literatura Infantil - Voz de criança* (1992, p. 7). Surge, assim, uma imagem de criança a ser elevada a adulto, a ser guiada para um patamar superior, quando e onde encontraria prazeres e fruições possíveis com o gênero literário. Porém as condições sócio-histórico-culturais mudaram e, para a criança, surgiram novas perspectivas: a constatação de estruturas presentes no pensamento infantil organizando o mundo analógica e sinteticamente, e a percepção da sempre renovada capacidade de descoberta da língua em todas as suas funções. Esses movimentos permitiram uma visada mais atenta e acurada da arte literária para esse leitor-mirim, digno agora de figurar como um leitor primeiro e não secundário das obras. Dessa maneira, a investigação das imagens e representações da criança se faz necessária para que seja possível a compreensão do gênero em todos os seus elementos constitutivos e em sua trajetória. Fixa-se, portanto, esse objetivo para essa comunicação que busca delinear, num corpus formado por poemas produzidos a partir dos anos setenta (recorte adequado a meu percurso, como pesquisadora), as representações de criança, com o intuito de compreender pelas imagens dos locutores inscritos no texto, como esse leitor foi constituído e pode se constituir pelo jogo da leitura, a enunciação.

DA ENUNCIÇÃO AO HIPERDOCUMENTO: UM DISCURSO VIRTUAL

Carlos Augusto Baptista de Andrade

Não é possível nos dias de hoje pensar em um hiperdocumento desfocando-o da percepção enunciativa. Ao produzir texto para mídias digitais - hipertexto - é importante pensar no que nos disse Harrison e Stephen (1992, pp. 190-191) ao utilizarem o termo "texto dialógico", descrevendo-o como uma nova forma de discurso, devido a sua característica colaborativa, capaz de refletir envolvimento de múltiplas vozes autorais. Assim, ao ser lido pelo alocutário, devido aos acessos múltiplos que ele proporciona, algumas características particulares emergem da interação: a leitura pode não ser sequencial, como a fazemos nas mídias convencionais (livros), o suporte informático possibilita uma quantidade imensa de leituras e de leitores, o caminho percorrido pelos mais diversos links torna o leitor sujeito/autor da própria construção de novos textos. No entanto, com tantas possibilidades de leitura, não podemos desprezar a possibilidade do leitor se perder no universo de informações que encontra disponível, portanto o modo como produzimos o hipertexto precisa ser bem pensado, a quantidade e os tipos de links precisam ser bem definidos, a estrutura superficial do texto dialógico precisa atender com rapidez a necessidade de seus leitores. Neste trabalho pretendemos mostrar alguns hiperdocumentos, analisando sua superestrutura, além de apontarmos as possibilidades expressivas de alguns gêneros digitais que estão a nossa disposição.

Eliana Nagamini

O objetivo deste trabalho é apresentar a importância da leitura e interpretação da obra literária para o processo de adaptação, visto que na transposição de linguagens está em jogo a subjetividade dos leitores (produtores e receptores). O processo de adaptação de uma obra literária é resultado de diferentes olhares, sobretudo quando se trata da transposição para um texto verbal/visual/sonoro, como o cinema. É necessário considerar a expressividade do discurso que se constrói tanto a partir das tomadas de planos, isto é, do processo de decupagem, assim como a relação entre os diálogos e com movimentação das personagens dentro do ambiente cenográfico. Além disso, a trilha sonora contribui para a produção de sentidos, na medida em que condensa o clima presente na narrativa ou reflete uma característica da personagem. Segundo Heidrun Krieger Olinto, o texto literário fora do contexto em que foi produzido, perde suas características, gerando um outro texto, provocando também mudanças no modo de leitura, visto que a nova situação comunicativa redimensiona as condições de produção e de recepção. Assim, o filme *Lisbela e o Prisioneiro*, adaptação de Guel Arraes, Jorge Furtado e Pedro Cardoso, do texto original de Osman Lins, revela uma multiplicidade de leituras que se transforma em diálogo, música e imagens. Ou seja, o resultado dessa releitura é a composição de um novo texto que irá estabelecer outras formas de interação com o receptor.

O VERSO QUE ENRUGA A TESTA*Maria Thereza Martinho Zambonim (MACKENZIE)*

Considerando que, diante de um texto poético, um leitor "se esforça para reconstituir e, se possível, reviver em si aquele movimento plural de sentido que faz jus não só às regularidades do poema como às suas fraturas e contradições", como assinala Alfredo Bosi, este trabalho constitui exatamente a manifestação de uma experiência singular de leitura. Propõe-se, aqui, uma interpretação do poema "Família", de Carlos Drummond de Andrade, levando em conta um pormenor que adquire, em nossa perspectiva, importância fundamental para sua compreensão: uma certa dissonância entre um específico verso, o último, e os demais constituintes do texto. Percebida essa discreta fratura, o leitor se vê instigado a refazer seu percurso em busca da construção do sentido. Trata-se, na verdade, da reconsideração da estrutura significante determinada pela apreensão de um certo tom, de uma certa modalidade afetiva impressa nesse verso final. No diapasão desse certo tom, o irônico, o leitor trilha novamente as vias de sentido e vai reconfigurando a perspectiva que havia detectado na estruturação do texto. Esse tom - "motivação operativa atribuída ou inferida", como refere Linda Hutcheon, potencializa a atitude ou sentimento do enunciador ou do interpretante, tornando mais apreensível o "sotaque avaliador" da elocução/audição. A avaliação crítica se manifesta, assim, por força do traço irônico, no intervalo entre o sentido literal e o produzido no contexto, lacuna instituída pela confluência de distintos vetores. Tem-se, no caso, uma ironia fina, aquela que Jankelevich assim caracteriza: a "que se trai por uma entonação, um trejeito dos olhos, [...] ligeiro excesso enrugando num golpe a superfície de uma frase séria". No espaço da diferença, não obrigatoriamente da oposição, o julgamento remeterá à aguda percepção que o enunciador tem do intervalo entre as convenções e a realidade.

QUESTÕES DE ENUNCIÇÃO E DISCURSO NA NARRATIVA FICCIONAL*Guaraciaba Micheletti (USP)*

Esta comunicação visa a apresentar algumas reflexões a propósito das vezes que compõem uma narrativa ficcional. Serão focalizados aspectos sintáticos do discurso do enunciador e de discursos citados cujo papel na constituição de sentidos é fundamental.

Quando se trata de um texto escrito e, especialmente, ficcional, a situação de enunciação difere dos intercâmbios lingüísticos ordinários, conforme salienta Maingueneau, em *Elementos de lingüística para o texto literário*. Pode-se, entretanto, pensá-la, inicialmente, a partir de uma superestrutura - um gênero discursivo - partilhado pelo autor e pelo leitor, ainda que eles se encontrem em dimensões pessoal e espaço-temporais diferentes.

Estabelecem-se redes significativas a partir de um contrato tacitamente firmado entre o escritor que pratica um ato de enunciação ao escrever seu texto e o leitor que, que em outro espaço e tempo, vai atualizá-lo, no processo de leitura. Esse processo se constitui de várias mediações, sendo a mais imediata a do narrador, ser criado, espécie de personagem, cujo discurso é o que chega ao leitor.

A figura do narrador como espelho do real enunciador transforma-se nesse organizador da narrativa, permitindo que outros discursos - citados - declaradamente se juntem ao seu para compor o mundo narrado.

A investigação dos sentidos que se instauram nesses textos passa pela análise do encadeamento das vozes nos enunciados que correspondem ao produto concreto de que se dispõe, marcas do sistema lingüístico encontradas nas várias camadas de que se compõe o discurso.

Interessa-nos, particularmente, o papel assumido pela figura especular do narrador que, por delegação do autor, erige-se enunciador e organizador de outras falas, compondo a tessitura do texto. Serão focalizadas algumas narrativas ficcionais, observando como o modo de apresentação das vozes integra o sentido desses textos.

Do ponto de vista teórico, serão observadas as contribuições da Análise do Discurso, da Lingüística Textual e da Estilística.

ROMPIMENTO DO BLOQUEIO LEXICAL: EXPRESSIVIDADE E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Elis de Almeida Cardoso (USP)

Desobedecer às restrições e ir contra o bloqueio lexical é uma das fórmulas utilizadas por vários poetas, dentre eles Drummond, em busca da expressividade e da produção de um efeito de sentido. Em se tratando de derivação, percebe-se que Drummond apresenta muitas inovações no que diz respeito à prefixação e à sufixação, sem, entretanto, utilizar os afixos com outro significado. É importante perceber que a novidade reside no fato de o poeta, muitas vezes, unir à base um afixo inesperado. Dessa forma, pode-se dizer que CDA explora uma situação de conflito entre o sistema e o uso. O sistema permite mais de uma forma, o uso, porém, consagra ou privilegia uma. É claro que existem e são possíveis formas paralelas que concorrem entre si. Ao lado de justificativa, encontra-se justificação; afobo concorre com afobação; internação, com internamento; mas, de maneira geral, pode-se prever que uma derivação bloqueie outra: trancamento, musculação, surdez e facilidade bloqueiam respectivamente *trancação, *musculamento, *surdeira e *facilidez. Muitas vezes, são outras as formas que bloqueiam as derivadas. Dos adjetivos feliz e culto, forma-se infeliz e inculto. Não se formam, entretanto, *inestreiro, *inalto e *incurto, bloqueadas por largo, baixo e longo. *Ensinador e *aprendedor são formas bloqueadas por professor e aluno ou aprendiz.

Para Sandmann, o desrespeito a determinados bloqueios de regras de formação de palavras pode assumir caráter estilístico. É exatamente o que se percebe na poesia drummondiana com o uso de tristidão, eternuar, fortudo, roubador, dentre outros exemplos. O inesperado gera um estranhamento que contribui para que a nova unidade lexical seja responsável por mobilizar a memória, o imaginário, os desejos do receptor, conduzindo-o à percepção de outros pontos de vista sobre o mundo.

SONORIDADE E REFERÊNCIA, UM OLHAR SOBRE OS NOMES EM IRACEMA: LENDA DO CEARÁ

Magali Elisabete Sparano

Na relação com o texto, autor, narrador e leitor estabelecem um vínculo de emissão/recepção que promovem, a partir de uma disposição conjunta de comunicar e interpretar, a significação do enunciado produzido. Nesse diálogo, haverá sempre um movimento de cooperação que instaurará um sentido possível para a dada enunciação. Valendo-nos dos elementos teóricos da Estilística e da Análise do Discurso, construiremos nossa análise que, com vistas a esse movimento de cooperação, observará a construção das personagens no romance *Iracema: Lenda do Ceará*, a partir da sonoridade presente em seus nomes aliada à expressividade das diferentes formas de tratamento que os complementam. A associação desses traços constitui os diferentes posicionamentos de uma dada personagem no desenrolar da narrativa, reforçando uma situação ou característica já explicitada ou ainda implícita ao desenrolar da história.